

A VOLTA DA CAÇA ÀS BRUXAS: RELIGIÃO E ETNICIDADE EM SANTA CATARINA

Aldo Litaiff*

Resumo

Este artigo trata de uma etnográfica realizada em um Centro de Umbanda da Grande Florianópolis, especificamente sobre um "Gongar", pequeno templo contendo imagens de santos ou orixás, e outros objetos rituais, além de importantes questões relativas à segregação e preconceitos sofridos pelas populações negras do sul do Brasil e do primeiro registro acadêmico da presença de comunidades negras "quilombolas" no Estado de Santa Catarina.

Palavras-chave

Religião. Umbanda. Negros. Santa Catarina.

Este artigo, devidamente revisado e atualizado, inicialmente publicado em 1987, no Boletim de Ciências Humanas do então Departamento de Ciências Sociais, da Universidade Federal de Santa Catarina, procura mostrar a situação dos negros de Santa Catarina no final da década de 1980, registrar a existência de comunidades quilombolas neste Estado e propor o fomento de pesquisas sobre o tema. Mesmo com criação de importantes núcleos de pesquisas como o Núcleo de Estudos de Relações Interétnicas do Programa de Pós-Graduação em Antropologia social da Universidade Federal de Santa Catarina, passadas algumas décadas desde a primeira publicação deste primeiro estudo, podemos constatar lamentavelmente o racismo e a segregação social contra as chamadas "minorias" (negros, índios etc.) em nosso país, notoriamente nos estados do sul do Brasil.

Desde a Segunda Guerra Mundial, o interesse pelo estudo dos problemas étnicos vem aumentando. No Brasil, entretanto, estas questões estão muito insipientes. Meu objetivo neste trabalho é, partindo das informações obtidas através do proprietário de

* Docente do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Linguagem da Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL). Antropólogo e Pesquisador do Museu da Universidade Federal de Santa Catarina. Doutor em Antropologia pela Universidade de Montreal, Canadá. E-mail: litaiff@cfh.ufsc.br.

um Gongar, ou seja, um local de culto religioso, mostrar como vivem estas pessoas e o que elas pensam em relação às suas atividades religiosas. Pretendo, também, mostrar a visão que estas pessoas têm em relação aos problemas raciais. Com este objetivo procurei, em primeiro lugar, organizar sistematicamente os dados obtidos durante a pesquisa de campo realizada naquela época, para depois analisá-los e situá-los no universo das teorias críticas dos problemas étnicos. Finalmente, tentei comparar os problemas existentes em relação às culturas tidas como "exóticas", como é considerada a dos negros, com o racismo. Desta forma, busquei mostrar, como claramente a civilização Cristã Ocidental ainda queima suas bruxas.

A primeira parte deste artigo destina-se a relatar dados etnográficos e informações de caráter étnico. No segundo capítulo, tento analisar alguns aspectos dos problemas étnicos apontados por nosso colaborador. O terceiro capítulo faz uma análise específica do racismo, trabalhando com o aspecto da acusação de bruxaria sofrida pelo dono do Gongar.

O "GONGAR"

Meu objetivo neste capítulo é fazer uma breve etnografia do "Gongar"¹ visitado, relatar uma conversa com o proprietário do local sobre o movimento antirracismo do qual fazia parte, e registrar a existência de pequenas comunidades negras conhecidas pelo entrevistado. Com o intuito de interferir o mínimo procurei relatar estes diálogos da forma mais integral e fiel possível.

Fui apresentado ao dono por seu filho Bernardo² que era namorado de uma ex-colega do curso de graduação de nome Maria. Este centro situava-se em Barreiros, pequeno bairro da periferia de Florianópolis, Santa Catarina, na garagem da residência do médium. Maria sabendo do meu interesse pela cultura afro-brasileira e pela questão da discriminação racial, apresentou-me a Bernardo que me convidou de imediato a uma visita ao centro de seu pai. No dia marcado, Bernardo estava esperando-me à porta. Ao entrarmos, me apresentou a seu pai, que se chamava José, um senhor com aproximadamente sessenta anos, negro, magro, e medindo mais ou menos um metro e setenta e oito de altura. Era uma pessoa muito simpática e comunicativa, apresentou-me sua esposa e o outro filho, que era mais velho que Bernardo. Seu José convidou-me a sentar e iniciou a conversa dizendo que estava ciente do meu interesse sobre seu trabalho e estava disposto a colaborar, pois jamais alguém antes o havia procurado com este objetivo. Inicialmente tentei manter a entrevista de uma maneira formal, seguindo um roteiro contendo perguntas do meu interesse, todavia, percebendo que desta forma estava podando a naturalidade das respostas do entrevistado, resolvi, então, deixar Seu José falar livremente, preocupando-me apenas em retornar ao assunto quando este se desviava para outros temas.

¹ Pequeno altar contendo imagens dos Orixás e outros objetos de culto.

² Os nomes foram modificados a pedido dos próprios personagens.

Comecei a conversa perguntando como ele definia seu trabalho e a natureza do Gongar. Ele respondeu que recebera o "dom" de "trabalhar-no-santo"³ de seu avô paterno, Abdias, que era Africano, e considerado na região que nascera como um "Xangô vivo". Sendo o "dom" hereditário, ele não precisou "desenvolver cabeça", assim também era conhecido com o mesmo título de seu ancestral, ou seja, também era um "Xangô vivo". Este título dava-lhe grande prestígio em seu meio religioso, pois o colocava na mesma posição hierárquica de um Orixá⁴. Pelo seu caráter hereditário o "dom" deveria ser herdado e desenvolvido por seu filho. Mais tarde Bernardo confessou-me, confidencialmente, seu desinteresse pelo Candomblé: "... ele prende as pessoas... tenho outras coisas a fazer, não quero passar o resto de minha vida com estas obrigações...". Esta situação constituía-se como um ponto de conflito em família, porque Seu José sempre insistia na obrigação do filho e via isto como um grande privilégio. "Quando nasci, meu pai me cruzou na cachoeira sete dias e, na mata, vinte e um dias. Quando eu já tinha mais de quarenta anos fui ao centro onde minha mulher trabalhava e quando o "Pai-de-santo" começou a cantar o "ponto" do "Preto Velho"⁵, recebi o "santo" de cara, isto porque sou "Abicum", ou seja, já nasci médium coroadado".

Neste momento, entra na sala uma mulher toda vestida de branco com uma criança no colo, acompanhada da esposa do Seu José. Ela estava um pouco nervosa e disse que seu filho estava muito doente e que necessitava de um "Passe". Passamos, então, para o quintal que dava acesso à garagem onde se localizava o "Gongar".

A garagem era de alvenaria, com quinze metros quadrados, as paredes brancas totalmente desprovidas de qualquer ornamento, sendo que em uma delas havia duas janelas que se abria para a rua, na parede em frente à porta ficava o altar ou "Gongar"⁶ onde estavam depositadas as imagens dos santos e outros objetos de culto. Na parte central e mais alta estava a imagem de "Oxalá", Orixá mais importante na hierarquia religiosa, que correspondia sincreticamente ao Jesus Cristo dos católicos, ao seu lado estavam as imagens de "Xangô", São Jorge, que era o "Santo-de-cabeça"⁷ de Seu José, e São Sebastião, o qual na umbanda era conhecido como "Ogum", "Iemanjá", a deusa do mar, e um grande crucifixo, do lado esquerdo de "Oxalá" estavam as imagens de vários "Pretos-Velhos" que seu José chamou de "Eguns"⁸. Ainda ao lado esquerdo, porém do chão perto do altar, ficava a imagem do "Exu", Zé Pilantra, ao qual os donos da casa se referiam com muito carinho, relacionando-o a uma criança traquina. Seu José mandou então a mulher sentar-se num banco perto do "Gongar", colocou um colar de contas brancas que era a "guia" de seu "Preto-Velho", pegou com a mão direita um punhado de folhas de laranjeira e fez várias cruces com as mesmas na testa da criança, proferindo ao mesmo tempo algumas palavras Nagô. O "Passe" durou quinze minutos. A mulher antes de partir perguntou o preço da consulta, Seu José respondeu dizendo que não cobrava nada. Ela agradecer e foi embora.

³ Possessão e doutrinação do Orixá pelo médium.

⁴ Não cabe aqui retornarmos a uma apresentação da Umbanda, pelo fato de existirem estudos anteriores específicos.

⁵ Verificar iconografia existente no final.

⁶ Verificar iconografia no final deste trabalho.

⁷ Santo que tem maior importância na formação da personalidade do Médium.

⁸ Espíritos de mortos ilustres.

Ao retornarmos à sala, Seu José retomou o assunto falando a respeito da origem de Umbanda ou "Umbandablé", mistura de Umbanda com Candomblé, segundo ele próprio afirmou: "... a Umbanda é mais recente no Brasil porque é a mistura da religião africana com o Kardecismo... os espíritas da elite dizem que a Umbanda é bruxaria e que eles são os verdadeiros religiosos, eles não querem se misturar, mas na hora da "gira" cada um deles recebe seu Preto-Velho e seu Exu". Seu José não se considerava "Pai-de-Santo" e sim "Zelador-de-Santo", título que achava mais adequado porque "se cuida e desenvolve o santo, não criamos os Orixás, se intitular de Pai-de-Santo é muita pretensão".

Perguntei-lhe então sobre sua ligação com a África. Disse-me que em uma de suas viagens à Brasília havia conhecido *Coffi*, Embaixador de Gana, com o qual mantinha relações constantes e *Gonis*, Embaixador da Costa do Marfim. Mas para ele a Nigéria é o Centro Mundial de religião africana, o movimento antirracista, do qual fazia parte, mantém um intercâmbio, e sobre este movimento. "Nossa proposta não é racista, nós acreditamos em um movimento que engloba todas as raças para que juntas e somente desta forma, possamos resolver este grande problema. Não combatemos o fogo com fogo, porque não somos racistas, repito, ele se chama "CCCAB" – Centro Cultural Comercial Afro-Brasileiro. Nós mantemos um convênio com a África, através do qual mandamos pessoas brancas e negras do Brasil e recebemos igualmente pessoas de lá. Existem grupos que tentam discriminar os brancos com a finalidade de alcançar o poder. Eles não sabem que estão se tornando tão racistas quanto estas outras pessoas. Nós não acreditamos nisso, somos "negristas", não somos fascistas. Em Brasília existe um movimento de 'elite negra' que é constituído por médicos, engenheiros, advogados etc., os quais lutam pela igualdade racial, por uma maior chance para os negros. Assim eles se constituem numa frente negra para elevar o negro perante as outras raças sem precisar atacá-las".

Perguntei-lhe sobre o problema da discriminação da sua religião perante outras religiões como o Catolicismo e o Kardecismo. "Eu acho que eles nos acusam de bruxo, feiticeiro, porque quem trabalha nisso são pessoas negras e humildes, e as pessoas que nos procuram são carentes que não podem pagar um médico nem procurar uma farmácia, aí nós benzemos com ervas e estes pobres ficam curados do mesmo jeito.

Não é que eles acreditam em bruxaria, o que eles querem é nos desmoralizar. Nós recebemos aqui no "Gongar" médicos, advogados e até juízes que acreditam na Umbanda, mas eles não querem ser reconhecidos pelas pessoas. Então nos procuram escondidos. São beneficiados, e depois vão embora dizendo para todos que foram ao médico. Chamam-nos de bruxos e desta maneira somos discriminados, isto porque somos negros, e Umbanda é coisa de negro. Isto torna o racismo aqui do Brasil pior do que o dos Estados Unidos, o da África do Sul nem se fala. "Na América do Norte, se eu tenho dinheiro, posso ser um Deputado, um Senador, aqui no Brasil é impossível".

Baseado nas declarações anteriores pedi que Seu José falasse das suas relações com as pessoas de outras raças e que continuasse com seu parecer sobre o racismo do Brasil: "no passado trabalhei com o Presidente de um grande banco que era mulato, mas era racista. Porém comigo ele não era. Viajamos juntos, fazíamos tudo juntos e ele nunca me discriminou. Aqui no Brasil somos discriminados por que não

temos poder aquisitivo e assim o próprio negro se reprime. Você pode verificar nas Universidades. A maioria dos estudantes é branca sendo que aqui em Santa Catarina não se vê um pretinho estudando faculdade. Nunca ouvi falar de presidente negro no Brasil. Não existem negros na política. Alguns poucos são professores, outros padres, mas a maioria é empregada, lixeiro e pedreiro. O racismo no Brasil é pior porque negro é medroso". Perguntei-lhe de que maneira o negro era medroso, "os próprios negros habituaram os brancos a se portarem de maneira racista, eles não procuram se misturar. Nós mesmos também somos responsáveis pelo racismo, não temos mentalidade forte para desafiar os racistas frequentar lugares proibidos para negros, etc." Prossigui perguntando se ele enfrentava este problema de acordo com a solução sugerida. "Talvez seja pelo fato de minha origem africana, o meu Xangô de cora que me faz enfrentar este problema com coragem. Na verdade, os negros africanos eram guerreiros orgulhosos e não aceitavam repressão. Um dia fui a um restaurante daqui da capital, eu e minha senhora, este restaurante era conhecido como racista, os negros não podiam frequentá-lo. Logo que entramos as pessoas ficaram nos olhando, nenhum garçom nos veio atender, ficamos esperando calmamente na mesa até que o gerente veio pessoalmente, agradeceu-lhe então a gentileza e fiz meu pedido sem maiores problemas".

Seu José falou-me que conhecia comunidades retiradas de negros que resolveram isolar-se porque temiam os brancos. "Aqui no Estado a treze quilômetros de Tijucas, existe uma comunidade de negros marrons com os cabelos lisos. Lá não existem carros nem luz elétrica, eles trabalham na plantação de aipim, milho, laranja, etc. O lugar chama-se Valões. Sei também que em Tubarão existe alguns negros chamados *Mina*. Temos outra comunidade negra perto de Paulo Lopes chamada Toca, outra perto de Jaraguá do Sul de nome Quilombo. Conheço, também, a comunidade de Itapocu no município de Araquari. Lá existem duas igrejas, antigamente uma delas era só para brancos e a outra para negros. Hoje isso mudou. Mas sei que os negros não se misturam por que temem os brancos. Em uma comunidade chamada Macaco eles casam tios com sobrinhas, primos com primas para não se misturarem com brancos. Este lugar fica perto do município de Garopaba".

Finalizando a entrevista, perguntei a Seu José qual era a opinião que ele tinha a respeito destas comunidades isoladas. "Isto para mim só atrapalha, eles têm vergonha de si próprios, de sua cor, medo de que o branco possa fazer com eles. A maioria destas pessoas é neto ou bisneto de escravos que fugiram de seus patrões brancos, e, desde então, vivem isolados com medo. É por isso que os negros nunca são visto nas ruas, e as pessoas acabam dizendo que não existe negros na capital ou no Estado, isto é mentira. A solução, para mim, seria a comunicação entre as raças, nunca o isolamento. Os negros devem aparecer para que os brancos sintam a nossa força. Este é o único caminho para acabar com este trauma psicológico, este complexo de inferioridade. Nós não somos minorias. Nós não somos fracos nem burros. Escondendo-nos apenas seremos covardes, deixando nossa briga para nossos filhos brigarem mais tarde. Esta é a nossa obrigação. O branco rouba nossa cultura e ridiculariza nossa religião, chamando-nos de bruxos ou feiticeiros. Não nos devemos acovardar, o medo é sempre pior do que o perigo".

A QUESTÃO DA ETNICIDADE

Neste capítulo, tentarei dissecar algumas das diversas questões raciais implícitas ou não, na entrevista feita com o proprietário do "Gongar", no capítulo anterior, de modo a torná-las mais claras para futuros estudos.

No início de minha conversa com Seu José procurei deixar claro quais eram as minhas intenções e objetivo, para que ele não se tornasse apenas um simples objeto de estudo e sim um colaborador ciente da importância de seu papel. Como declara Roberto da Matta:

[...] quando apresento minha teoria ao meu 'objeto' eu não só estou me abrindo para uma relativização dos meus parâmetros epistemológicos, como também fazendo nascer um plano de debate inovador: aquele formado por uma dialética entre o fato interno [...] com o fato externo [...] (cf. MATTA, 1981, p. 26).

(Fato interno seriam as interpretações que Seu José faz de suas atividades). Pode-se desta forma evitar que ocorram definições hiper-racionalizadas e unilaterais que venham a provocar conclusões precipitadas ou preconceituosas.

Partindo da declaração feita por Seu José no capítulo anterior, sobre o problema da discriminação sofrida por sua religião e seus integrantes perante outros ritos, de que: "não é que eles acreditem em bruxaria, o que eles querem é nos desmoralizar", e no final do mesmo capítulo: "A solução, para mim, seria a comunicação entre as raças nunca o isolamento". Percebe-se que Seu José tem consciência de que só através do diálogo seremos capazes de abolir problemas como racismo. Segundo Da Matta: "É essa possibilidade de dialogar... que permite ultrapassar o plano das conveniências preconceituosas interessadas em desmoralizar o 'outro'" (MATTA, 1981, p. 27). Depreende-se, então, o paradoxo provocado por muitos estudiosos que tentam levantar problemas como a discriminação racial, portando-se de uma maneira preconceituosa, ou seja, não dividindo com o "colaborador" o trabalho intelectual da pesquisa, deixando-o passivo as explanações.

O mito da "democracia racial" (FREYRE, 1952, p. 187) serviu por muito tempo para mascarar as relações racistas no Brasil. Desta forma, o problema ficou por muito tempo abandonado no fundo das gavetas de alguns poucos pesquisadores interessados. Discutir o racismo em público parecia ser imoral entre os brasileiros⁹; as pessoas procuravam evitar o assunto afirmando não existir tais diferenças no País do carnaval, do samba e do futebol. Atualmente o problema está cada vez mais em evidência, as chamadas "minorias" raciais estão se organizando, existem movimentos de solidariedade e conscientização em todo o mundo. Jornais e revistas noticiam diariamente este tema e, principalmente, fundações de pesquisa e universidades promovem hoje estudos que visam analisar o assunto mais profundamente.

No entanto, parece que a própria comunidade considera o assunto ainda pouco veiculado. A pessoa que entrevistei, Seu José, confessou-se surpreso pelo fato de tê-lo

⁹ Refiro-me ao "preconceito de não ter preconceito", problema tratado por Carl Degler em *Nem Preto, nem Branco*, p. 108.

procurado para tratar deste tema. Isto considerando seu engajamento nos poucos movimentos negros existentes aqui no Estado de Santa Catarina. Torna-se premente, então, a necessidade de levantar o problema, tentando trazê-lo à tona e analisar seus aspectos e manifestações.

Começarei questionando a afirmação de Seu José de que o negro brasileiro tem medo do branco, justificando a existência de várias comunidades negras isoladas, constituídas por descendentes de escravos, aqui em Santa Catarina.

Carl Degler declara que "a escravidão no Brasil foi mais dura que nos Estados Unidos... os escravos não se reproduziam porque as crianças morriam pelos maus-tratos, os suicídios eram incontáveis..." (FREYRE, 1952, p. 80-81). Ao que parece a escravidão no Brasil foi marcada pela violência, os senhores tratavam os negros pior do que animais, não precisando muito para que ocorressem cenas de sangue. "A violência não tinha fim. Em 1880, a imprensa noticiou a morte de um escravo por chicoteamento, que expôs os ossos da vítima e cortou seus órgãos genitais, enquanto feridas mais antigas na sua perna foram encontradas cheias de larvas!" (GRAHAN, 1970, p. 23-24).

Este passado de violência marcou definitivamente as populações negras do Brasil. A mácula causada pela escravidão é observada nas relações desiguais entre negros e brancos. Ao contrário do eu se costuma acreditar, os negros ainda não conseguem participar amplamente da vida pública do país.

O fato de que hoje em dia, no Brasil, os pobres são predominantemente negros, e a maioria da população negra é pobre, é a herança atual de um passado alienante e uma desumanidade que são uma parte integrante do Brasil no presente (GRAHAN, 1970, p. 32).

Conforme sugeriu nosso entrevistado, Seu José, o negro deve procurar brigar pelo seu espaço, mas para isso ele tem que enfrentar os racistas e violar os limites impostos por estes. O que poderia ilustrar esta questão é o fato ocorrido com Seu José e sua esposa, num restaurante racista da cidade, relatado no capítulo anterior.

Falando de seu grupo, que ele mesmo designa com de integração racial, o CCCAB, Seu José deixa claro que para eles o único caminho que levará ao fim do conflito racial é o negro tentar ocupar o lugar que lhe é de direito dentro da sociedade, e trabalhar lado a lado, em igualdade de condições com as outras raças.

É preciso que a sociedade brasileira seja reeducada amplamente, para descobrir por debaixo da imagem porventura ainda deteriorada de uma grande parte dos brasileiros, os negros e seus mestiços, os seres humanos que três séculos de escravidão desumanizadora e este quase um século de liberdade em condições sub-humana não redimiram (QUEIROZ, p. 5).

As relações sociais devem ser reavaliadas em todos os planos para que a discriminação racial chegue ao seu termo. Em todo o Estado de Santa Catarina, encontramos comunidades negras isoladas, que devem ser visitadas por interessados, estudiosos ou simpatizantes da questão, com a finalidade de esclarecer este tipo de

segregação, e, desta forma, contribuir para que negros e brancos possam juntos entender e superar esta lamentável situação.

SOBRE AS ACUSAÇÕES DE "BRUXARIA"

Em relação às acusações sofridas pelos praticantes dos cultos Afro-brasileiros, Seu José declara no primeiro capítulo que o verdadeiro objetivo dos ataques é desmoralizar os praticantes destes ritos, "não é que eles acreditam em bruxaria, o que eles querem é nos desmoralizar". Nosso colaborador afirma, também, que os espíritas dizem que sua religião é mais autêntica que a Umbanda. Inicialmente pode parecer que se está diante de uma simples questão de diferenças entre crenças religiosas, mas implicitamente o problema transborda os limites religiosos avançando para questões raciais. O que torna um padre católico ou um pastor protestante mais autêntico que um Pai-de-Santo, porque este último carrega o estigma da legalidade e da bruxaria?

O presente capítulo tem por objetivo tratar as questões levantadas acima, porém considerando a autonomia dos fatos religiosos e, por este motivo, procurando analisá-los dentro do contexto que lhe é específico, evitando, assim, o erro infelizmente ainda frequente nas pesquisas antropológicas, que é o reducionismo.

A suposta racionalização progressiva das práticas religiosas e intelectuais dos gregos, o combate efetuado pela Igreja Católica contra todos aqueles que se arriscavam a um contato não-intermediado com o sagrado e a medicalização das práticas espíritas são apenas algumas das faces dessa exclusão global que o Ocidente tem imposto àqueles que buscam a experiência direta do sagrado tendo como único intermediário seus próprios corpos (GOLDMAN, 1983, p. 24).

O Ocidente institucionalizou os ritos religiosos que correspondiam aos padrões relevantes à sua cultura, deixando os outros cultos relegados à marginalização. Neste caso, a discriminação contra a cultura negra constitui-se como discriminação contra a raça negra. O Ocidente vê o fenômeno religioso da possessão como manifestações de aspectos "patológicos" e "primitivos" implícitos na cultura negra. Esta ideologia racista é fruto de uma ética inerente ao pensamento capitalista, no qual o Catolicismo, como prática dominante, tenta monopolizar o mercado eliminando os demais concorrentes.

No entanto, utilizando a análise da estrutura religiosa como "drama" (VELHO, 1976) que tenta retratar a estrutura da sociedade, notaremos que a existência do culto do "bem" e do "mal", do "Orixá" e do "Exu", demonstra a tentativa da Umbanda em reproduzir as ambiguidades inerentes da estrutura da própria sociedade. Através de uma abordagem dialética poder-se-á, então, compreender as características consideradas "exóticas" dos cultos de origem Afro-brasileira.

A figura do Exu está normalmente ligada ao conceito de "mal", através de seus comportamentos antissociais e seu caráter ambíguo (trabalha para o "bem" e para o "mal"), acaba relacionado com o demônio e, conseqüentemente, pelo fato da Umbanda trabalhar com estas entidades (VELHO, 1976), seus praticantes são considerados feiticeiros ou bruxos. Segundo Seu José, o bem e o mal são relativos.

Apesar dos constantes ataques que a Igreja Católica e a sociedade em geral aplicam contra a Umbanda, Renato Ortiz nos diz que "a passagem do pólo católico para o umbandismo se realiza com facilidade. Existem católicos que se não são umbandistas frequentam com certa regularidade os terreiros quando se trata de resolver problemas particulares" (ORTIZ, 1985, p. 51). De fato, segundo Seu José, no primeiro capítulo, muitos espíritas Kardecistas, médicos, advogados, etc., frequentam seu "Gongar", porém procuravam esconder esta realidade negando e até mesmo atacando posteriormente a Umbanda. "O conflito entre Umbanda e Igreja se dá também no momento em que os intelectuais procuram legitimar a religião no seio da sociedade brasileira" (ORTIZ, 1985, p. 53).

Finalmente, a discriminação se dá pelo fato do ocidental desconhecer e rejeitar integralmente os cultos de origem Afro-brasileira que tanta importância tiveram na formação da cultura brasileira, mas que até hoje são estigmatizados e classificados como "exótico" e "bárbaros". Esta postura preconceituosa só poderá ser abolida através de sérios estudos científicos e pela relativização destes rituais, aos aspectos peculiares à nossa cultura, desta forma descobriremos o "outro" que está em nós, e reconheceremos o quando destas culturas carregamos implicitamente em nosso comportamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho pode-se notar que muitas das questões aparentemente culturais encobrem, na realidade, problemas de ordem racista. A guerra declarada pela hegemonia da Igreja Católica e contra todas as religiões afro-brasileiras, vistas sob esta ótica, transforma-se em etnocentrismo que gera, por sua vez, uma postura preconceituosa por parte da comunidade cristã.

Considerando as dificuldades encontradas em função da falta de tempo para realização de uma pesquisa mais ampla e, também, de novos estudos sobre o assunto abordado, percebemos a necessidade de complementar estes estudos iniciais. Esperamos que este breve estudo possa colaborar para a ampliação de futuras pesquisas sobre os problemas raciais em Santa Catarina, como em todo o sul do Brasil, onde, supostamente, estas populações são muito escassas, situação referida no primeiro capítulo deste artigo, buscando tornar mais claras estas questões, que tantas querelas e injustiças têm gerado no decorrer das décadas que nos separam da chamada "Abolição da Escravidão" em nosso país.

Iconografia



Figura 1 – Aspecto geral do “Gongar”



Figura 2 – “Xangô” no Gongar, representado pela imagem de São Jorge.



Figura 3 – “Preto-Velho” no Gongar, representado pela figura de um velho escravo.

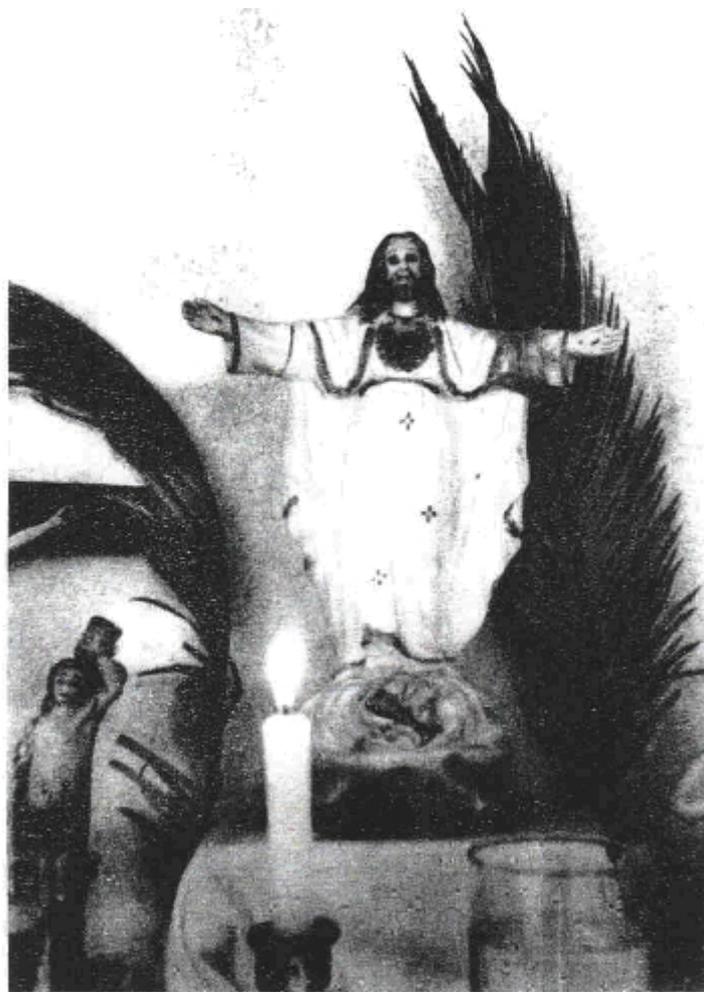


Figura 4 – “Oxalá” no Gongar, representado pela imagem de Jesus Cristo.



Figura 5 – “Exu Zé Pelintra”, representado pela imagem do malandro.

Referências

DEGLER, Carl. *Semelhanças e diferenças entre a escravidão no Brasil e Estados Unidos*. Nem preto, nem branco.

FREYRE, Gilberto. *Casa grande e senzala*. Rio de Janeiro: Liv. José Olympio Ed., 1952.

GOLDMAN, Márcio. A construção ritual da pessoa: e a possessão no Candomblé. *Religião e Sociedade*, São Paulo, v. 9, p. 22-53, 1983.

GRAHAM, Richard. Reexame da escravidão no Brasil: um artigo retrospectivo. *News of Special History*, v. 3, n. 4, p. 1-36, 1970.

HARRIS, Marvin. *Vacas, porcos, guerras e bruxas: os enigmas da cultura*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978.

MATTA, Roberto da. *Relativizando*. Petrópolis: Vozes, 1981.

ORTIZ, Renato. Ética, poder e política: umbanda, um mito-ideologia. *Religião e sociedade*, São Paulo, v. 11, p. 36-54, mar. 1985.

PEREIRA, João B. Borges. Cultura negra: resistência de cultura à cultura de resistência. *X Encontro Anual da ANPOCS*.

PIERSON, Donald. *Branços e pretos na Bahia*: estudos de contato racial. São Paulo: Nacional, 1945.

_____. *O Candomblé da Bahia*. Curitiba: Guairá, 1942.

QUEIROZ, Jr. Teófilo de. Igualdade legal e igualdade social nas relações raciais. *X Encontro Anual da ANPOCS*.

RAMOS, Arthur. *O negro brasileiro*: etnografia religiosa e psicanálise. São Paulo: Civilização Brasileira, 1934.

ROSEMBALG, Carlos A. O negro nas vésperas do Centenário. *X Encontro Anual da ANPOCS*.

VELHO, Yvonne M. Alves. *Guerra de Orixás*. Rio de Janeiro: Zahar, 1976.

Title

Back to the Witch-hunt: Religion and Ethnicity in Santa Catarina

Abstract

The present article is the result of an ethnographic research at a Centro de Umbanda in Florianópolis, specifically about a Gongar, a small temple with images of saints and orixás, and other ritualistic objects. It also deals with important issues relating to prejudice and segregation against black populations in Brazil, and includes the first academic record of the presence of black communities, quilombolas, in the State of Santa Catarina.

Keywords

Religion. Umbanda. Blacks. Santa Catarina.

Recebido em 09.08.2011. Aprovado em 08.11.2011.